Curso de Filosofia – Régis Jolivet

Capítulo Segundo

PROVAS   METAFÍSICAS   DA   EXISTÊNCIA   DE   DEUS

201Podem-se distinguir dois grupos de provas da existência de Deus: o das *provas metafísicas* e o das *provas morais,* conforme estas provas partem da realidade objetiva do universo, ou da realidade moral. Na realidade, toda prova de Deus é metafísica, uma vezque a existência de Deus não é, propriamente, objeto de apreensão intuitiva e não pode ser demonstrada a não ser com a ajuda de princípios metafísicos. É possível, contudo, e ressalvada esta observação, conservar a divisão em provas metafísicas e provas morais.

ART.    I.    *OBSERVAÇÕES GERAIS SOBRE AS PROVAS METAFÍSICAS*

1. A experiência, nas provas metafísicas. — Estas provas também são chamadas muitas vezes provas *físicas,* por assinalar o fato de se apoiarem na experiência objetiva. Mas *toda prova da existência de Deus,* seja metafísica ou moral, *deve necessariamente partir dos dados de experiência,* quer dizer, deve ter sua origem ou seu ponto de apoio nos seres e fatos concretos que a experiência nos revela, para elevar-se daí a um Ser real, sem o qual estes seres e estes fatos e todo o universo permaneceriam inexplicados e inexplicáveis.

202      2. Visão geral das provas metafísicas. — Antes de expor os diversos argumentos, é útil tomá-los em conjunto, de forma sintética, a fim de tornar mais claramente acessível à inteligência o que constitui o eixo comum de uns e outros.

a) *O fato do condicionamento universal.* Tudo o que vemos em torno de nós, e tudo o que a ciência, cada vez mais, nos ensina, aparece-nos como *um encadeamento de seres ou fenômenos que se sucedem e se imiscuem uns nos outros e assim formam séries* que têm os seus anéis sòlidamente articulados. É a isto que podemos chamar fato do *condicionamento universal,* pelo qual todos os seres e todos os fenômenos do universo encontram sua condição, quer dizer, sua causa ou razão de ser, num outro ser ou outro fenômeno.

b) *A causa primeira incondicionada.* O princípio que nos orienta neste ponto é o de que, de condicionado a condicionante, é preciso necessariamente chegar a um princípio ou a uma causa absolutamente primeira, absolutamente incondicionada e, conseqüentemente, colocada *fora da série causai. De nada adiantaria,* com efeito, *prosseguir o* [*infinito*](http://www.consciencia.org/tag/infinito)*,* uma vez que a série causai, mesmo concebida como infinita, seria ainda condicionada no conjunto, quer dizer, composta unicamente de *intermediários* que transmitissem simplesmente a [causalidade](http://www.consciencia.org/tag/causalidade). Na ordem causai, é o primeiro termo incondicionado que produz tudo, pois o resto não tem por função senão *transmitir* o movimento ou o ser. (Um canal, por mais longo que seja, não é a explicação da água que nele circula; apenas a fonte explica a corrente. Da mesma forma, não se explica o movimento das bolas de bilhar, multiplicando o número das bolas, mas unicamente recorrendo, qualquer que seja o número de bolas, à mão, que é a causa primeira do movimento que as bolas transmitem umas às outras.)

203 c) *A causa universal absolutamente primeira.* Nossa investigação só pode terminar numa causa única e por isto mesmo universal, pois *a causa absolutamente primeira não pode ser senão única.* Se ela fosse múltipla, seria necessário supor que as causas absolutamente primeiras são independentes umas das outras (senão, elas não seriam *absolutamente primeiras).* Ora, esta suposição é incompatível com a unidade e a ordem que reina no universo, e inconciliável com as exigências da razão, para a qual o inteligível, o ser e o uno são convertíveis (192). Se assim não fosse, seria necessário admitir que a lei absoluta das coisas não coincide com a de nosso pensamento e que, apesar do [absurdo](http://www.consciencia.org/tag/absurdo) ser inconcebível, pode contudo constituir o cerne das coisas. Ora, nisto existe uma incompatibilidade radical, uma vez que, como já vimos  na Crítica  do conhecimento   (177), os princípios da razão não são nada mais do que as próprias leis do ser.

É necessário, portanto, concluir que *só existe uma Causa absolutamente primeira* e que esta Causa, que, pela própria definição (sendo *absolutamente primeira)* não depende de nenhuma outra e domina todas as séries causais, deve ser um *Ser necessário,* quer dizer, de tal ordem que não possa não ser, exista por sua própria essência e tenha em si a razão total de sua existência.

204      3. Objeção kantiana. — Kant levantou contra o valor das provas da existência de Deus uma objeção geral que devemos examinar aqui. Todas estas provas, diz ele, apóiam-se no princípio da causalidade, pelo fato de que procuram mostrar que Deus é causa do universo. Ora, *o princípio da causalidade não tem valor a não ser na ordem da experiência sensível.* As provas de Deus são, portanto, ineficazes.

A esta objeção devemos opor o seguinte: em primeiro lugar, que o *princípio da causalidade,* como nós o empregamos aqui, *não nos serve mais do que para provar que o universo exige uma causa,* e isto em virtude mesmo do que apreendemos no universo, e de *forma alguma para definir o que é ou deve ser em si esta causa,* — depois, e de acordo com o que estabelecemos na Crítica do conhecimento (177), que o *princípio de causalidade não é uma-forma subjetiva,* quer dizer, *a priori* e arbitrária, de nossa razão, mas *uma evidência objetiva,* apreendida no próprio ser dado à experiência, e por conseguinte válida proporcionalmente para a universalidade do ser. Segue-se que, ao contrário do que afirma. Kant, o *uso transcendente do princípio de causalidade é legítimo-*e rigorosamente válido.

ART. II.    *AS CINCO  VIAS*

205    Uma vez que se aprendeu bem o esquema geral das provas, físicas (ou metafísicas) da existência de Deus, é fácil compreender os cinco argumentos (ou as cinco vias que conduzem a Deus) propostos por Santo Tomás. Estes argumentos partem das diferentes ordens de condicionamento ou de encadeamento que podemos observar no universo, e *cada um nos conduz ao mesmo Princípio absortamente primeiro,* que é Deus.

§ 1.   Prova pelo movimento

Santo Tomás considera esta a prova mais manifesta de todas. Para bem compreendê-la, é importante ter bem presentes ao espírito ao mesmo tempo a noção de movimento e o princípio geral em que se baseia a prova.

1.    O princípio do argumento.

a)         *A noção de movimento.* O termo movimento não designa apenas o deslocamento de um lugar para outro, mas, em geral, toda *passagem da potência ao ato,* isto é, de uma modalidade de ser a uma outra. Como vimos em Cosmologia (73), o que há de essencial no movimento é propriamente a *passagem enquanto passagem,* o que faz do movimento uma realidade que participa a um tempo do ato e da potência. *O movimento é, então, o sinal e a forma do que se chama em geral o vir-a-ser.*

b)         *A inteligibilidade do vir-a-ser.* Toda a questão estará então em descobrir o que torna inteligível (quer dizer, o que explica) o vir-a-ser. Para isto vai-se recorrer ao princípio, estabelecido na [Ontologia](http://www.consciencia.org/tag/ontologia) (194), segundo o qual "tudo o que se move é movido por outro", quer dizer que nada passa da potência ao ato a não ser sob a ação de uma causa já em ato, o que significa, mais resumidamente, que *nada pode ser causa de si mesmo.*

2.         O argumento. — Em virtude do princípio precedente, Santo Tomás estabelece que o *movimento exige um primeiro motor* (o que não é mais do que uma aplicação do princípio geral da inteligibilidade do vir-a-ser). "Com efeito, diz ele, é evidente (e nossos sentidos o atestam) que, no mundo, certas coisas estão em movimento. Ora, tudo o que está em movimento é movido por um outro. É impossível que, sob o mesmo aspecto, e do mesmo modo. um ser seja a um tempo movente e movido, quer dizer que se mova a si mesmo e passe por si mesmo da potência ao ato. Logo, se uma coisa está em movimento, deve-se dizer que ela está movida por uma outra (81). E isto porque, se a coisa que move por sua vez se move, é necessário, por outro lado, que ela seja movida por uma outra, e esta por uma outra ainda. Ora, não se pode ir assim ao infinito,  porque não existiria  então  motor primeiro, e daí se seguiria que não existiriam tampouco outros motores, pois os motores intermediários não movem a não ser que sejam movidos pelo primeiro motor, comoo bastão não se move a não ser movido pela mão. Logo, *é necessário chegar a um motor primeiro que não seja movido por nenhum outro.* E este primeiro motor é Deus."

3.    Objeção. — Certos filósofos julgaram poder fugir a esta conclusão admitindo uma *série infinita e eterna de motores e móveis.* Se o mundo e o movimento, pensam eles, são eternos, não há por que procurar um primeiro motor.

Mas Santo Tomás responde que esta objeção não poderia atingir o argumento, porque não o toma no seu verdadeiro sentido. Com efeito, o argumento manteria toda a sua força na hipótese da eternidade do mundo, uma vez que o que se considera não é a série de motores *acidentalmente* subordinados no tempo, mas a série de motores *atualmente e essencialmente* subordinados: *atualmente,* a planta cresce, e seu crescimento depende do Sol; mas o Sol, de que depende? Seu movimento *atual,* de onde provém? Se o recebe de um outro astro, este astro, por sua vez, de onde recebe *atualmente* o seu movimento? É impossível prosseguir ao infinito, porque isto seria suprimir o princípio e a fonte do movimento, e, portanto, o próprio movimento. Ora, o movimento existe. Logo, *existe um primeiro motor. E se o mundo fosse eterno, seu movimento exigiria eternamente um primeiro motor.*

4.    Corolários. — Da noção de primeiro motor imóvel, quer dizer, de um *ser imutável na perfeição que lhe pertence por sua própria essência,* podem-se deduzir imediatamente os corolários seguintes:

a) *O primeiro motor imóvel é infinitamente perfeito.* Com efeito, toda mudança implica imperfeição, uma vez que mudar é adquirir o ser que não se tem. Se, pois, o primeiro motor é absolutamente imóvel é que ele possui toda a perfeição, quer dizer, a plenitude do ser.   Em outras palavras,  ele é *Ato puro.*

b) *O primeiro motor imóvel é um ser espiritual,* pois a matéria é corruptível, portanto essencialmente imperfeita. Sendo espiritual, o primeiro motor deve ser também *inteligente e livre,* pois inteligência e liberdade são propriedades essenciais dos seres espirituais.

c)         *O primeiro motor imóvel é eterno,* uma vez que é absolutamente imutável.

d)         *O primeiro motor imóvel é onipotente,* pois, sendo princípio do movimento universal, está presente por seu poder a tudo aquilo que move, quer dizer, a todo o universo.

§ 2.   Prova pela causalidade

206      1.    O argumento.

a)         *Há uma Causa absolutamente primeira.* Na prova pelo movimento, colocando-nos do ponto-de-vista do *vir-a-ser fenomenal.* Aqui, encaramos a *causalidade propriamente dita.* Tudo o que se produz, como dissemos, é produzido por outra coisa (senão, o que é produzido seria causa de si mesmo, quer dizer, anterior a si, o que é absurdo). Concluímos daí, por exclusão da regressão ao infinito, que há uma Causa absolutamente primeira, fonte de toda causalidade.

b)         *Esta Causa primeira é transcendente, a todas as séries causais.* Em outras palavras, ela não pode ser um *elemento* da série das causas. Com efeito, se ela não fosse mais do que o primeiro elemento da série causai, seria necessário explicar como este primeiro elemento teria começado a ser causa, quer dizer que, em virtude do princípio de que nada se produz a si mesmo, seria necessário recorrer a uma causa anterior a que se desejaria considerar como primeira, o que é contraditório. *É preciso, então, necessariamente, que a Causa primeira transcenda* (quer dizer, ultrapasse absolutamente e domine) *todas as séries causais, que ela seja causa por si,* incausada e incriada.

2. Objeção. — Tem-se pretendido muitas vezes opor a este argumento a *hipótese de uma causalidade circular,* quer dizer, de uma causalidade recíproca dos elementos do universo, em que a matéria se transformasse em energias diversas, para voltar em seguida a seu estado original e assim por diante, indefinidamente (hipótese defendida por  certos  filósofos   gregos, que  não tinham a noção de criação, e, entre os modernos, por [Nietzsche](http://www.consciencia.org/tag/nietzsche)).

Ora, mesmo que se encontrasse um [fundamento](http://www.consciencia.org/tag/fundamento) para esta hipótese, ela não alteraria em nada o alcance da prova pela causalidade : *que a evolução seja circular ou linear, isto não se refere senão à transmissão, e não à fonte de causalidade.* Ficaria por explicar a existência do Universo, concebido  como  um Todo.

§ 3.    Prova pela existência de seres contingentes

207 1. O argumento. — Esta nova prova parte do fato de que o *mundo físico é composto de seres contingentes,* quer dizar, de seres que são, mas poderiam não ser, pois estes seres, ou nós OS vimos nascer, ou então a ciência nos mostra que eles foram formados, ou ainda a sua composição exige, para explicá-los, uma causa de sua unidade.

Ora, *os seres contingentes não possuem em si mesmos razão de sua existência.* Com efeito, um ser que tivesse em si, quer dizer, na sua própria natureza, a razão de sua existência, existiria sempre e necessariamente. Os seres contingentes devem, portanto, ter, num outro, a razão de sua existência, e, este outro, se também é contingente, também tem a sua num outro. Mas não é possível prosseguir assim ao infinito: de ser em ser, devemos chegar, afinal, a um ser que tenha em si mesmo a razão de sua existência, quer dizer, a um ser *necessário, que exista por si,* e pelo qual todos os outros existam.

Este ser necessário, que existe por sua própria natureza, e que não pode não existir, é Deus.

2. Objeção panteísta. — Os panteístas admitem, efetivamente, este raciocínio, mas não a sua conclusão. Para eles, *o ser necessário não seria um Deus pessoal, mas o próprio mundo,* tomado no seu conjunto, e concebido por eles como um ser único e infinito.

Mas esta doutrina vai, evidentemente, contra a razão. Com efeito, *o todo, que é a soma das partes, não pode ser de uma natureza diferente das partes.* Ora, o mundo é composto de seres contingentes. Logo, ele também é contingente e, assim como cada uma das suas partes, não existe por si mesmo. Portanto, sua existência, para ser inteligível, postula a existência de um ser que existe por si e que é Deus.

§ 4.    Prova pelos  graus de perfeição dos seres

208      1.    O argumento.  — Parlamos do  aspecto de beleza   que as coisas manifestam diferentemente. Diremos: se a beleza se encontra em diversos seres segundo graus diversos, é necessário que ela seja produzida neles por uma causa única. *É impossível que esta qualidade comum a seres múltiplos e diversos pertença a estes seres em razão de sua própria natureza,* pois, do contrário, não secompreenderia por que a beleza se encontraria neles, ora em maior, ora em menor quantidade. Eles seriam esta beleza por sua própria essência, quer dizer, necessariamente a possuiriam perfeita, sem limite, nem restrição. O fato de que há diferentes graus de beleza obriga então *a que os diversos seres em que descobrimos estes graus participem simplesmente de uma Beleza que existe fora e acima desta hierarquia de beleza, e que é a Beleza absoluta e infinita.*

Este argumento se aplicaria validamente a todas as perfeições ou qualidades, que podem ser levadas ao absoluto: ser, unidade, verdade, bondade, inteligência e [sabedoria](http://www.consciencia.org/tag/sabedoria). *O primeiro Princípio deve, então, ser necessariamente Ser perfeito, Unidade absoluta,* [*Verdade*](http://www.consciencia.org/tag/verdade)*, Bondade, Beleza, Inteligência e Sabedoria* infinitas.

2. Alcance do argumento. — Este argumento não exige, apenas, uma Beleza ideal, mas uma *Beleza subsistente,* nem, apenas, uma Verdade ou uma Bondade ideal, mas uma *Verdade* e uma *Bondade subsistente* (e assim por diante para as outras perfeições), quer dizer que ele conduz, como os argumentos precedentes, a um Ser que existe em si e por si, e que é, por essência, Verdade, Bondade, Beleza, Unidade etc, absolutas e infinitas.

É que este argumento, como os precedentes, também é investigação de uma *razão de ser,* a saber, investigação da razão ou da causa da semelhança ou hierarquia dos seres compostos. Sob esse aspecto, estabelece que *os seres que possuem graus desiguais de perfeição não têm  em  si mesmos a razão última  desta perfeição,* e que *esta não pode explicar-se senão por um Ser que a possui absolutamente e essencialmente,* enquanto que todo o resto a possui apenas por participação.

§ 5.    Prova pela ordem do mundo

209      1.    O argumento.

a)         *Princípio do argumento.* A prova pela ordem do mundo (ou argumento das causas finais) se apóia no *princípio de finalidade,* e toma a seguinte forma: a *organização complexa, objetivando um fim, exige uma inteligência ordenadora.* Com efeito, apenas a inteligência pode ser razão da ordem, quer dizer, da organização dos meios objetivando um fim, ou dos elementos tendo em vista o todo que compõem: os corpos ignoram os fins e, por conseguinte, se os corpos ou os elementos corporais conspiram em conjunto, é necessário que sua organização tenha sido obra de uma inteligência.

b)         *Forma do argumento.* O argumento parte do *fato da ordem universal.* Esta ordem é evidente: considerado no seu conjunto, o universo nos aparece como uma coisa admiràvelmente ordenada, em que todos os seres, por mais diferentes que sejam, conspiram para um fim comum, que é o bem geral do universo. Por outro lado, cada um dos seres que compõem o universo manifesta uma finalidade interna, quer dizer, uma exata apropriação de todas as suas partes, objetivando o bem deste mesmo ser.

Ora, *esta ordem é inteligível unicamente pela existência de um princípio inteligente,* que ordena- todas as coisas a seu fim, e ao fim do todo que elas compõem. É isto que resulta do princípio1 demonstrado mais acima. *Ê necessário, então, admitir que existe uma Causa ordenadora do universo.*

210      2.    Objeções.

a) *O argumento não conduziria, a ima Inteligência infinita.* É a objeção de Kant. O mundo, diz ele, não é infinito, e, se, de fato, é necessário uma inteligência ordenadora para explicar sua unidade interna, seria suficiente, a rigor, uma inteligência de um poder   seguramente prodigioso,  mas não formalmente infinito.

A objeção não procede, pois incide no erro de supor que a ordem do mundo resultaria de uma simples arrumação de materiais preexistentes. Neste caso, uma inteligência não infinita seria uma explicação suficiente da ordem do mundo. Mas tudo muda de figura se a *ordem não é mais do que um aspecto do ser,* sendo uma ordem interna, que resulta da essência e das propriedades-mesmas das coisas, ainda mais que o *autor da ordem é, necessariamente, por isto mesmo, o criador do ser universal,* a um tempo.. Poder infinito e Inteligência infinita.

b)    *Fruto do acaso.* É difícil negar que a ordem reine no mundo. Mesmo os ateus não o contestam. Mas para escapar à
conclusão do argumento, afirmam que a ordem do mundo pode ser explicada pelo *acaso.* O mundo atual, dizem eles, é o produto
de forças inconscientes e fatais; passou por fases extremamente diferentes da que conhecemos, e esta não se perpetuou a não ser graças à [harmonia](http://www.consciencia.org/tag/harmonia) que estas forças misteriosas acabaram por gerar fortuitamente.

É fácil ver que esta explicação é, na realidade, fuga de uma. explicação. O acaso tem por caracteres a *inconstância* e a *irregularidade,* o que é o contrário mesmo da ordem. O acaso pode, a rigor, explicar uma ordem acidental e parcial, mas não uma ordem que governa inumeráveis casos, e que se perpetua, seja no interior dos seres, seja em suas relações mútuas, com uma constância invariável.

c)    *A evolução.* Invocou-se, também, a evolução, para explicar a ordem do mundo. Mas a evolução, longe de estabelecer a ordem, a supõe, uma vez que se faz de acordo com leis e leis necessárias. *A evolução exige, portanto, de forma absoluta, uma inteligência.* É que as causas eficientes não excluem de forma alguma as causas finais: ao conutrário, o mecanismo não tem sentido, ou mesmo existência, senão pela finalidade. Por isso, já mostra mos (84) que as causas que podem explicar a evolução dos seres do universo não fazem mais do que obedecer a uma *idéia, imanente,* e, por conseguinte, supõem a existência de uma ordem anterior e superior a elas.